

O prato

CONTROLE BIOLÓGICO NA LAVOURA DIMINUI AGROQUÍMICOS

Maior consumidor mundial de agrotóxicos, o Brasil está longe de prescindir do uso em escala de produtos destinados ao combate de pragas na lavoura. No médio prazo, pesquisadores avaliam que será possível reduzir a aplicação.

Uma das formas de diminuir o uso de agroquímicos é o controle biológico de lagartas a partir da multiplicação de vespas. A fêmea deste inseto é jogada aos milhares nas lavouras e, imediatamente, começa a procriar, depositando ovos dentro dos casulos das lagartas. No final do processo, o que geraria um predador para atacar lavouras acaba dando vida a uma nova vespa. Isso cria processo de multiplicação dos voadores e a quase extinção dos devoradores de plantações. O mais comum é combinar a ferramenta biológica com o agrotóxico, que acaba tendo a sua necessidade de aplicação reduzida. Este ciclo ajuda a reduzir os níveis de resíduos de químicos nos alimentos.

– Na maioria dos químicos, você vai fazer o controle de uma lagarta que já causou algum dano. A vantagem da vespa é que ela parasita um ovo, que deixa de ser uma praga e vira um agente de controle – explica Diogo Rodrigues Carvalho, CEO da Bug Agentes Biológicos, de Piracicaba, no interior de São Paulo, empresa que desenvolveu controle de pragas a partir da multiplicação de vespas.

TÉCNICA É APLICADA, EM MÉDIA, EM 850 MIL HECTARES AO ANO

A modalidade não envolve nenhum processo de modificação genética. Cada safra demanda a liberação de nova carga de vespas, que são enviadas aos produtores rurais em embalagens fechadas. Até agora, a equipe técnica da empresa está tratando, em média, 850 mil hectares por ano, com destaque para a atuação em plantações de cana-de-açúcar, soja, tomate, melão, abacate, abacaxi e pimentão.

– Não há nada que proteja uma lavoura 100%. Mas tenho segurança para garantir que a mesma eficiência do químico, hoje, nós temos com o biológico. No caso da cana-de-açúcar, já somos mais eficientes – garante Carvalho.

Embora de forma incipiente, multinacionais de agroquímicos também investem em alternativas biológicas, seja abrindo empresas do ramo ou comprando startups. A Bayer e a Basf são dois exemplos. A diversificação do negócio de combate a pragas promovida pelas gigantes do setor não é acaso.

– As grandes empresas têm a avaliação de que, no médio prazo, o uso do químico deve desaparecer ou diminuir muito. Isso porque teremos tecnologias mais adequadas de controle de pragas, tanto as biológicas quanto os produtos geneticamente modificados, que são mais resistentes a insetos – diz Flávio Zambrone, professor aposentado da Unicamp e presidente do Instituto Brasileiro de Toxicologia (IBTOX), indicado para se manifestar em nome da Associação Nacional de Defesa Vegetal.

“
Tenho segurança para garantir que a mesma eficiência do químico, hoje, nós temos com o biológico.

DIOGO RODRIGUES CARVALHO
CEO da Bug Agentes Biológico

A série



Segunda
Veneno no prato

Terça
Sua saúde sob risco

Ontem
Contrabando no RS

Hoje
O acordo de Pernambuco

Amanhã
Condenados, mas...

Cerca de 90% dos hortifrúteis consumidos pelos pernambucanos saem da Ceasa local

parceira do TAC. Se a coleta é bem feita lá, é possível proteger grande parte da população:

– Alguns produtos podem ser alvo de constante investigação. Um tempo atrás foi o pepino e, depois, o pimentão, que vinha com níveis escandalosos de agrotóxicos – exemplifica Mavial.

Para voltar a comercializar um produto banido, é o próprio produtor quem paga a análise laboratorial. Ele precisa comprovar que os itens não contêm mais substâncias proibidas ou acima do permitido a determinada cultura.

– É um programa de alto custo, mas bancado pelos empresários, e que a Ceasa arrecada para pagar. A penalidade de retirar o produto do mercado é fatal, tem repercussão direta porque o produtor para de vender. A multa é pesada se a Ceasa ou o supermercado descumprirem – justifica Azevedo.

O empenho para banir o excesso de agrotóxicos dos alimentos não evita que todos os meses sejam encontrados produtos com as substâncias em demasia ou itens proibidos para a cultura. Por isso, segundo o diretor da Apevisa, o trabalho precisa ser ininterrupto:

– É uma briga constante, que nunca acaba. Todo mês tem produto que sai do mercado. E são produtos do Brasil todo. Fazemos a coleta, é provado, sai, volta, coletamos mais uma vez, coletamos de novo. É assim, e acho que isso nunca deve parar. O governo tem pouco custo e um resultado interessante.

“
É uma briga constante, que nunca acaba. Todo mês tem produto que sai do mercado. Fazemos a coleta, é provado, sai, volta, coletamos mais ma vez, coletamos de novo. É assim, e acho que isso nunca deve parar. O governo tem pouco custo e um resultado interessante.

JAIME BRITO DE AZEVEDO
Diretor da Agência Pernambucana de Vigilância Sanitária (Apevisa)

ERASME DINIZ/AGF

